

## DE ONDE O VENTO VEM: RELATO SOBRE A PRÁTICA TEATRAL NO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO<sup>1</sup>

Geruza Bandeira Rodrigues<sup>2</sup>, Vicente Concilio<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto Teatro e Prisão: práticas de infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC/UDESC.

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – [vicente.concilio@udesc.br](mailto:vicente.concilio@udesc.br)

Este resumo aborda o trabalho prático do ensino das artes cênicas em contexto socioeducativo, desenvolvido a partir do grupo de pesquisa *Teatro e Prisão: infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância*. O contexto socioeducativo que me refiro é o Centro de Internação Feminino (CIF), em Florianópolis, que acolhe jovens, geralmente em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que cometem algum tipo de delito e são submetidas a medida socioeducativa em regime fechado, com acesso a educação e atividades extracurriculares, por exemplo: informática, artes visuais, aulas de manicure e teatro. As jovens são divididas em duas alas, ala A e ala B, que recebem nossos encontros separados pelas semanas, conseqüentemente, encontramos as meninas, tanto da A quanto da B, a cada quinze dias. Isso interfere diretamente em um processo pedagógico contínuo.

Dei início às atividades pedagógicas no CIF em maio de 2023. As práticas teatrais já estavam sendo realizadas por Pedro Vieira, também bolsista do grupo de pesquisa Teatro e Prisão. As propostas pesquisadas anteriormente visavam desenvolver a confiança durante as aulas e a desinibição do grupo através de jogos de improviso, provocações de escrita criativa, contações de histórias, entre outras atividades.

A imprevisibilidade do campo de estudo desafiava o método buscado por nós nas aulas. A dificuldade de pensar e organizar um plano de aula semanal era motivo de muitos debates entre Pedro e eu, pois a rotatividade e quantidade de alunas oscilavam de maneira desgovernada a cada semana. Com o tempo, buscamos adaptar nossas aulas para as demandas de cada encontro, pesquisando jogos de improviso que pudessem ser feitos por até duas pessoas. Viola Spolin e Augusto Boal foram referências fundamentais para o desenvolvimento dos exercícios e estabilização de quórum em pelo menos uma das alas, que se mostrou engajada e com um fluxo contínuo de permanência das três meninas que estavam juntas na ala A.

Com o desenvolvimento da relação das jovens com as propostas cênicas, surgiu a proposta, através de muitas conversas e histórias, da montagem de uma peça. Após nosso recesso de julho, levamos uma cena adaptada do texto *Fando e Lis*, de Fernando Arrabal e demos inícios aos improvisos e experimentações com as meninas. O trabalho coletivo foi explorado através da ludicidade, proposta no texto de gênero absurdo. As composições cênicas elaboradas pelas meninas, com muito esforço, foram carregadas de estranhamento, num primeiro momento. Mas com o passar do tempo, as descobertas dos sentidos do texto e das suas possibilidades teatrais foram sendo aproveitadas de maneira proveitosa. Percebia-se o efeito das práticas teatrais, feitas anteriormente, agir no corpo das alunas, que se sentiam confiantes para experimentar corporeidades e vozes diferentes do naturalizado pelo cotidiano punitivo em que estavam inseridas.

Estimuladas pela descoberta ambígua de onde vem ou para onde vai o vento, que é dispositivo narrativo que conduz as personagens dentro da dramaturgia, começaram a explorar o

espaço de ensaio, configurado em um pátio gradeado por todos os lados, de maneiras diferentes. Bancos, baldes, toalhas e esteiras emborrachadas compõe, agora, o espaço cênico que se passa a cena

As experimentações do texto estão sendo tão proveitosas, nas quais as meninas se engajam mais a cada aula que se passa. O objetivo é trabalhar uma continuação, ou complemento, da montagem com a ala B, onde meninas recém-chegadas ainda passam pelas práticas iniciais de teatro, mas já se colocam disponíveis a se libertarem por meio dos exercícios e jogos. Nossos próximos passos se darão através da criação de camadas artísticas para a obra que está sendo desenvolvida, possibilitando as jovens a experimentarem diferentes elementos para serem aproveitados na cena, como: figurinos, musicalidade e debates sobre o processo.

A pedagogia do ensino do teatro utilizada no CIF nos revela o poder transformador das artes cênicas em espaços de vigilância. Isso oferece que as alunas explorem suas individualidades, que frequentemente são apagadas em contextos prisionais, buscando novas formas de experimentarem as possibilidades do mundo, num futuro fora do socioeducativo, e que tenham um contato preocupado e acolhedor com as artes, cheio de memórias e saberes subjetivos de cada uma. Tem sido, definitivamente, um lugar de troca genuína de conhecimento entre nós, professores e alunas, que nos faz almejar ainda mais os debates sobre as desigualdades e prisão.

**Palavras-chave:** Pedagogia das artes cênicas. Socioeducativo. Teatro e Prisão.